

Adair Umberto Simonato Junior*

*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp/Câmpus de Marília. ajsimonato@yahoo.com.br

Na vida cotidiana, a verdade existe ao lado da mentira e o bem junto ao mal (KOSIK, 1982, p. 109).

Resumo

O presente texto tem como finalidade abordar a forma como o conhecimento científico se eleva em relação às ações humanas cotidianas, bem como discutir o papel que as práticas formais de educação possuem nesse processo. Para isso, explicita que as características do cotidiano – sua heterogeneidade, imediaticidade e superficialidade extensiva – são chancelas inerentes ao comportamento humano, porém são superadas momentaneamente por objetivações que possuem como escopo organizar e compreender intelectivamente a realidade. Objetivações que se consubstanciam através de um processo de homogeneização que segundo Agnes Heller se constitui com a passagem da heterogeneidade cotidiana para esferas não cotidianas. Processo dentre os quais a educação formal apresenta-se como uma modalidade do mesmo, pois abarca as especificidades da prática científica que possui como finalidade superar as características do cotidiano. Por fim, discute-se que a sociabilidade atual impõe obstáculos à superação dos elementos da prática cotidiana, sendo que a crítica da vida cotidiana perpassa, necessariamente, pela crítica da sociabilidade gerida pela mercadoria. A problemática proposta se mostra necessária e atual, considerando-se os engenhosos modismos contemporâneos que, por um lado, tendem a privilegiar práticas pedagógicas pragmáticas e espontaneístas; por outro lado, apregoam que o ensino escolar estaria superado.

Palavras-chave: cotidiano, educação formal, homogeneização, reificação.

Abstract: Everyday, formal education and capitalism. This text has as goal address how the scientific knowledge rises in relation to everyday human actions, also, discusses the role that formal education practices have in this process. For this, made explicit that the everyday features – heterogeneity, immediacy and its extensive superficiality – seals are inherent in human behavior, but are momentarily overcome by objectivations that have the scope to organize and understand the reality intellectually. Historical and the inherently human condition which consists of a homogenization process, which according to Agnes Heller if constituted with the passage of everyday heterogeneity to spheres that does not belong to a routine, among which the formal education is presented as an embodiment of this same process, because encompasses the specifics of scientific practice. Finally, we must bear in mind that the current sociability imposes obstacles to overcome the elements of everyday practice, wherein the critique of everyday life permeates, necessarily, the critics that managed sociability by merchandise. Therefore, the problem proposed in this text is shown as deep necessity and current, considering the ingenious contemporary fads tending, on the one hand, privilege pragmatic pedagogical practices and spontaneity, hawking, on the other hand, that school education would be overcome.

Keywords: everyday, formal education, homogenization, reification.

Introdução

A vida social, coletividade constituída pela peculiar atividade humana, perpassa por esferas que nem sempre se apresentam explícitas aos indivíduos, apesar de sofrerem suas influências. É justamente a singularidade humana que permite a reprodução social em patamares distintos daqueles dos demais animais, ou seja, além de se reproduzir no cotidiano com sua aparente fragmentação a vivência humana se sobressalta sobre o mesmo, constituindo, desse modo, as peculiaridades que distinguem os humanos dos demais animais. Por sua vez, o cotidiano constitui-se como uma esfera ineliminável do ser social, isto é, se mantém-se operante em determinadas atividades da sociedade, sendo superado momentaneamente por práticas genéricas que caracterizam outras modalidades mais complexas de atividade humana, como a ciência. Esta, no entanto, fundamenta-se historicamente pelo intercâmbio homem-natureza que afasta progressivamente as barreiras impostas pelo meio naturais à constituição da sociabilidade.

Na estrutura do cotidiano, a realidade seria apresentada como uma prática aparentemente desorganizada, justamente pelas suas caracterizações inerentes que, segundo, Lukács (1966), seriam a heterogeneidade, a superficialidade e o imediatismo. Essa estrutura possibilita que os indivíduos se familiarizem com as coisas que os rodeiam sem, no entanto, se aprofundarem na constituição total de suas fundamentações; ou seja, nesse nível, a conduta humana baseia-se no pragmatismo que objetiva a conduta unilateral em relação aos fenômenos da realidade. Isso possibilita aos indivíduos particulares se movimentarem na realidade sem, no entanto, compreenderem o seu movimento (NETTO, 1987; KOSIK, 1976; KOFLER, 2010; NETTO, 2011).

O estabelecimento das relações causais da realidade, que no cotidiano se encontra ofuscado, é objetivado quando, segundo Heller (1977), ocorre o “processo de homogeneização”, cuja finalidade é organizar a realidade, que se apresenta heterogenizada pelo e para o pensamento. Esse procedimento guarda em si a diversidade da realidade sem simplificá-la, mas articulada e complexamente apreendida pelo pensamento.

A educação formal seria uma dessas formas de homogeneização, representando as características e possibilidades para a apreensão dos bens espirituais produzidos sob a forma de conhecimento científico (MACÁRIO, 2005). Assim, a saída da cotidianidade não se constitui

por um processo meramente subjetivo, mas sim no decorrer de objetivações que fundamentam o reconhecimento da cotidianidade por intermédio de generalizações e objetivações humano-genéricas que não fundamentarão a conduta dos indivíduos somente por meio de posturas pragmáticas em meio à realidade (HELLER, 1977; INFRANCA, 2005; DUARTE, 2007). É por suas peculiaridades que o “espaço formal” de educação possibilita idealmente a apreensão de conhecimentos que não estão restritos à esfera do cotidiano.

O afastamento das condutas específicas à esfera cotidiana depende, por um lado, do avanço das objetivações humanas que necessitam se apropriar da complexidade da realidade a ser transformada e, por outro lado, dos conflitos ideo-políticos que envolvem as sociedades divididas em classes sociais antagônicas que atuam, relativamente, guiando o modo como a realidade será capturada pelo intelecto. Não obstante, se a prática social possui como uma de suas especificidades o afastamento momentâneo da identificação imediata do sujeito com o objeto, o que não ocorre com os demais animais, produzindo bens genéricos como os conteúdos científicos, a mesma prática necessita de uma forma diversa para produzir e socializar estes bens. É por possuir especificidades que determinada modalidade de apreender a realidade necessita de práticas particulares, permitindo o afastamento dos elementos do cotidiano. Assim, a educação formal ou escolar possui como objetivo possibilitar o acesso aos bens genericamente produzidos, ou seja, aos conhecimentos científicos.

Obviamente que determinada proposição, tanto em relação à produção como em relação à socialização do conhecimento, continuará sendo uma mera abstração se não realizarmos uma consequente crítica da sociabilidade gerenciada pelo capital, o qual reifica e privatiza as condutas humanas, fazendo com que as características do cotidiano se reproduzam pela totalidade social, incluindo aí o processo de homogeneização.

Assim, o presente escrito possui como objetivo refletir sobre a forma como uma determinada modalidade de conhecimento científico realiza uma elevação em relação às condutas cotidianas, e qual o papel da educação formal na realização desse processo.

Caracterizações fundamentais do cotidiano

As determinações fundamentais do cotidiano se diferem das caracterizações epidérmicas e epistemológicas da realidade. Isso significa que quando se trata de especificar as caracterizações estruturais do cotidiano não significa realizar relatos fenomenais dessa esfera, isto é, não significa testemunhar empiricamente os elementos da vida cotidiana de determinado período histórico, não se realizando, assim, uma história do cotidiano. A estrutura do cotidiano e sua característica elementar, que é o *locus* da reprodução do indivíduo e indiretamente da sociedade, consubstanciado em uma totalidade social, é o objeto deste primeiro tema abordado; o que ficará explícito, desse modo, são seus determinantes ontológicos.

Conforme Lukács (1966), o âmbito cotidiano é marcado pela heterogeneidade, isto é, por fenômenos diversos e dispersos de todos componentes do ser social. A imediatividade seria outro elemento do ser no cotidiano, pois, para se movimentar nesse mesmo nível, o indivíduo não pode se deter em conexões causais mais complexas; nesse nível vigora o espontaneísmo, sem o qual a ação individual estaria prejudicada. Desdobrando-se dessas duas estruturas anteriores, a superficialidade extensiva se realiza devido à soma das múltiplas decisões pragmáticas da cotidianidade, isto é, a superficialidade nasce justamente da não vinculação entre as ações práticas espontâneas e a reflexão. Desse modo, o cotidiano impõe aos indivíduos padrões de comportamentos específicos, orientadas por reações imediatizadas e fragmentadas, úteis para a situação contextual. Não obstante, é no cotidiano que se dá a reprodução do indivíduo e da sociedade.

Nesse modo peculiar e insuprimível do ser social “o que conta não é a reprodução veraz do processo que leva a um desfecho pretendido, porém o desfecho em si; no plano da cotidianidade, o critério da utilidade confunde-se com o da verdade” (NETTO, 1987, p. 68). As atividades cotidianas são caracterizadas, assim, por sua espontaneidade e, por conseguinte, por possibilitar a reprodução do indivíduo. De tal modo, se sobressalta o caráter individual e isolado das manifestações desta esfera, ocasionando, para o indivíduo, a mera percepção como um ser singular que se vincula à sociedade aparentemente para realizar suas objetivações como um ser individual.

Kofler (2010) indaga sobre a peculiaridade humana do entendimento para captar os nexos

causais da realidade pragmática. Assim ele se exprime, em relação ao entendimento humano:

Mas como a práxis exige que a atividade se concentre unilateralmente, mesmo que de maneira continuamente mutável, num objeto isolado (por exemplo, a coleta de frutos), a forma de reação primária e dominante é a que serve a um fim imediato, determinado e delimitado com precisão e que, portanto, abstrai a multiplicidade da conexão dos fenômenos. Em troca, a capacidade de inspirar-se ‘mediadoramente’ na totalidade do mundo das manifestações se reduz, até converter-se, digamo-lo assim, num ‘fenômeno paralelo’ da *ratio*, numa tendência que aflora repentinamente quando imposta pela premente necessidade vital de apropriar-se da realidade (KOFLER, 2010, p. 84).

Fica explícito aqui o caráter imediato e utilitarista das ações cotidianas que bloqueiam, devido as suas próprias caracterizações, a compreensão dos nexos e da legalidade que cristalizariam aquelas mesmas ações. O posterior progresso pautado em mediações complexas, que surge das próprias necessidades oriundas de atos utilitários se eleva acima desses mesmos atos, objetivando enriquecê-los com mediações. Isso não significa anular a estrutura elementar do comportamento humano na condição cotidiana.

A superação do cotidiano é momentânea e possibilita um afastamento do comportamento imediato daquela realidade pragmática¹. Há que se notar a diferença entre o homem e os outros animais, pois aquele se constitui enquanto gênero humano. Assim, não basta que os indivíduos se reproduzam unicamente e imediatamente, mas sim que produzam e reproduzam generalizações, isto é, que reportem em outro nível sua própria prática social através de sua atividade teleológica, atividade essa que o eleva acima da sua condição naturalizada:

¹ “E nenhum homem pode suspender sua relação com a vida cotidiana senão por momentos. O cientista que está no laboratório, o filósofo que está refletindo, o romancista que está criando – nesses momentos, eles se suspendem de sua vida cotidiana e concentram e direcionam a sua energia para um objeto determinado. Nesses momentos, empenham toda sua energia nas criações e descobertas. Mas eles depois tomam ônibus, enfrentam o trânsito em seus carros, voltam para casa, fazem suas refeições... A vida cotidiana, na sua imediatividade, não mostra o movimento do ser” (NETTO, 2011, p. 335).

O animal é imediatamente um com sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. [...] Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é atividade livre (MARX, 2004, p. 84; grifo do autor).

É justamente como ser genérico que o homem se constitui como ser social, transcendendo o mutismo da relação sujeito-objeto que caracteriza os demais animais. Tais objetivações que se constituem como herança sócio-histórica medeiam as atividades humanas, inclusive em nível cotidiano, porém, nesse patamar, como já salientado, os indivíduos, mesmo atuando sob forças da genericidade, não conseguem capturar a legalidade constitutiva da ação, ou seja, não apreendem o movimento do ser. “Por isso, a *práxis* utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a *compreensão* das coisas e da realidade” (KOSIK, 1976, p. 14; grifos do autor).

As peculiaridades desse materialismo espontâneo, que qualifica os procedimentos cotidianos, não estão desconectadas do fluxo da totalidade sócio-histórica, suas caracterizações tipificadoras e fenomênicas de determinado momento histórico só podem ser compreendidas racionalmente quando vinculadas à totalidade sócio-histórica. O cotidiano é o âmbito de reprodução dos indivíduos, tendo em si todas as determinações históricas como solo imediato da ação desses mesmos atores individuais. As objetivações que transcendem esses atos imediatos, as produções mediadoras tornadas mais tarde científicas e as próprias compreensões destas mesmas produções constituintes do gênero humano, não anulam a cotidianidade. São objetivações “que permitem aos indivíduos, via homogeneização, assumirem-se como seres humano-genéricos – não podem ser contínuas: estabelecem um circuito de retorno à cotidianidade” (NETTO, 1987, p. 70)².

² Posteriormente, veremos como o processo de homogeneização atua como superação da prática e do pensamento cotidianos no meio educacional formal através do processo de homogeneização e apreensão

A homogeneização, enquanto um processo de superação momentânea do cotidiano, não se identifica como sendo um tratamento indiferenciado da realidade, isto é, simplificando-a ou reduzindo-a a abstrações formais. Muito pelo contrário, tal processo se enquadra na superação da heterogeneidade dispersiva do âmbito cotidiano. Desse modo, a homogeneização que aqui explicitaremos é permeada pela crítica do cotidiano reificado. Tal crítica impõe obstáculos à apreensão da realidade pelo intelecto, pois as relações humanas se apresentam para os indivíduos, na sociabilidade capitalista, não como uma relação racional e integrada em várias esferas que se inter-relacionam, mas como partes isoladas devido ao aspecto coisal que assumem as relações entre os indivíduos. Assim, o processo de homogeneização permite-nos superar determinada heterogeneidade dispersiva pelos aspectos mercadológicos e, como veremos, conduz a uma análise não determinista e muito menos simplificadora da realidade, sublevando-a, assim, à sua totalidade contraditória, viva e múltipla, apreendida racionalmente.

A reprodução de cada indivíduo induz à reprodução indireta da sociedade, pois ele se apropria no decurso de sua vida das objetivações postas socialmente. “A vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, os quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social” (HELLER, 1977, p. 19). Esse mesmo processo de apropriação possui níveis hierárquicos da complexidade a ser internalizada. Se o indivíduo não supera suas práticas cotidianas, entrando em contato com sínteses mais complexas, permanecerá preso às carências postas no nível estrutural do cotidiano. “Por conseguinte, a reprodução do homem particular é sempre reprodução de um homem histórico, de um particular em um mundo concreto” (HELLER, 1977, p. 22).

Vida individual e vida genérica não são coisas desligadas, por mais que no meio cotidiano os homens tendam a perceberem-se como seres isolados.

O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* da vida, realizada

dos conceitos científicos, uma forma de generalização para-si.

simultaneamente com outros – é, por isso, uma externalização e uma confirmação da *vida social*. A vida individual e a vida genérica do homem não são *diversas*, por mais que também – e isto necessariamente – o modo de existência da vida individual seja o modo mais particular da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais *particular* ou *universal* (MARX, 2004, p. 107; grifos do autor).

Nessa passagem dos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx (2004) oferece elementos para pensarmos as práticas individuais que tencionam o homem a não se enxergar como ser humano-genérico, trazendo contribuições para enriquecer as reflexões sobre a especificidade do cotidiano que gravita em direção a um afastamento de uma vinculação a algo *universal*. Por meio da ciência³, aqui tomada como uma forma de depuração da vida social, um processo de reflexão conceitual, os indivíduos se afastam das objetivações cotidianas imediatas e reconhecem o movimento causal daquelas mesmas objetivações. “Como *consciência genérica* o homem confirma sua *vida social* real e apenas repete no pensar a sua existência efetiva, tal como, inversamente, o ser genérico se confirma na consciência genérica, e é, em sua universalidade como ser pensante, para si” (MARX, 2004, p. 107; grifos do autor).

Como salientamos anteriormente, este tipo de manipulação pragmática da realidade nos é inevitável, porém, se permanecerem restritos nesse perímetro, os indivíduos não terão acesso e contato com os resultados daquelas objetivações complexas, isto é, não articularão processualmente o lugar, a racionalidade de determinada objetivação. Ora, isto é de prioritária importância quando se trata de conhecimentos sociais, das causalidades dos processos e das metabolizações sociais. A objetividade dos processos sócio-históricos somente adquire sentido social quando superadas as limitações das movimentações cotidianas, possibilitando, assim, uma apreensão desses processos.

O pensamento que quer conhecer adequadamente a realidade, que não se contenta com os esquemas abstratos da

própria realidade, nem com suas simples e também abstratas representações, tem que *destruir* a aparente independência do mundo dos contatos imediatos de cada dia. O pensamento que destrói a pseudoconcreticidade para atingir a concreticidade é ao mesmo tempo um processo no curso do qual sob o mundo da aparência se desvenda o mundo real (KOSIK, 1976, p. 20; grifo do autor).

Como postula Netto (1987, p. 72), para um tratamento consequente e fiel das determinações cotidianas necessitamos de um referencial teórico que ultrapasse “[...] o largo espectro de posturas positivistas e neopositivistas, fundamentadas na recepção da objetividade imediata dos processos e fenômenos sociais como sendo a sua realidade estrutural.” O processo de homogeneizar atribui e corporifica racionalmente significados sociais, sendo estes produtos do gênero humano. Obviamente que o processo de homogeneização atua quando o indivíduo entra em contato com homogeneizações produzidas histórica e genericamente, mesmo podendo ser estas reprodutoras da alienação que, de certa forma e quando isenta de crítica, acaba reproduzindo os elementos constitutivos do cotidiano.

Educação formal e o processo de homogeneização

Realizadas algumas considerações sobre as especificidades da estrutura do cotidiano, abordaremos de que maneira a educação formal atua como uma forma de superar a heterogeneidade da esfera cotidiana. O espaço escolar, ou de educação formal, contém em si determinações que, idealmente, o caracterizam como uma experiência capaz de produzir a elevação da cotidianidade e favorecer objetivações capazes de transcender a caoticidade típica da irracionalidade aparente. É neste espaço específico, o ambiente formalizado, que se realiza, por meio do ato educativo, um tipo processual de homogeneização. Este ato educativo se fundamenta na apropriação, por parte dos educandos, de conceitos e noções científicas sobre a realidade.

Mesmo contendo características que tornam possíveis a apreensão de elementos da realidade que não estão restringidos ao empirismo da esfera do cotidiano, a educação formal não deve ser pensada abstratamente. Evitando cair em um essencialismo determinada concepção de

³ A ciência a que nos referimos aqui se desloca totalmente dos aspectos da cotidianidade. Não tangencia qualquer postura empiricista; pelo contrário, a materialidade em suas múltiplas conexões e causalidades é reproduzida reflexivamente pelas ideias, segundo o materialismo dialético.

educação necessita ser contextualizada historicamente, reclama uma análise que evidencie seus limites e entraves atuais, ou seja, suas reais e concretas possibilidades de realização. No último item deste artigo abordaremos aspectos teórico-metodológicos que possibilitem trilhar uma justa e consequente crítica da estrutura social contemporânea. Sem desconsiderar as possibilidades e impossibilidades atuais de realização de determinada concepção educativa, o que tentaremos evidenciar no desenvolvimento desta parte do texto é a superioridade que a educação escolar possui em relação às estruturas do cotidiano, ou seja, o seu dever-ser como afastamento momentâneo das suas estruturas, pelo processo de homogeneização.

No espaço formal de educação realizam-se a relação entre professor e aluno e o processo de ensino-aprendizagem, procedimentos que possuem como elemento central o professor como portador dos bens genéricos a serem transmitidos. Segundo Macário:

Como agentes que encarnam estas finalidades e portadores dos elementos da cultura que constituem a matéria da educação, os professores são os sujeitos da atividade educativa que se processa no interior da escola e instituições similares. Os alunos são, ao mesmo tempo, sujeitos pacientes e agentes no exato sentido acima aludido: por um lado, não deixam de sofrer a ação educativa desencadeada pelos professores, por outro reagem ativamente através da atividade da apropriação. Também neste caso, professor e aluno têm um objetivo comum: *os elementos genéricos essenciais à formação do indivíduo* (MACÁRIO, 2005, p. 103; grifos nossos).

É justamente esta função que a escola objetiva desempenhar, ou seja, suspender momentaneamente os sujeitos de sua prática cotidiana imediata. Para tanto, é necessário um local específico que ‘centralize’ a conduta dos indivíduos para atingirem essa finalidade.

Na educação escolar o objeto diz respeito aos conteúdos referentes ao trabalho e à práxis social que não podem ser reproduzidos subjetivamente no *fluxo espontâneo* das relações sociais. Trata-se de conteúdos cuja complexidade exige um local, um tempo e um método específico para sua transmissão/assimilação; é para isto que nascem as escolas. Nas sociedades modernas, trata-se precisamente dos

conhecimentos sistematizados no campo das artes, da filosofia, das ciências da natureza e das ciências humanas (MACÁRIO, 2005, p. 103-104; grifos nossos).

Assim, focaliza-se a especificidade da educação escolar em relação aos outros tipos de educação, pois os indivíduos aprendem a todo momento mediante o fluxo e a prática social, porém, a educação formalizada possui o estatuto de um conhecimento racional específico e objetivo da realidade, independentemente de tratar-se de ciência natural ou humana. Esse esclarecimento é fundamental, pois clarifica a objetividade da ciência e de seu conteúdo que transcende o espontaneísmo das atividades cotidianas, bem como anula qualquer aspecto que centralize meramente na subjetividade, no interesse individual, todos os processos de ensino e aprendizagem. “Se as objetivações científicas apresentarem um excessivo caráter individual, seria quase impossível a comunicação e, com ela, o progresso da ciência” (INFRANCA, 2005, p. 146).

Essas objetividades mais elevadas da esfera social se enquadram nos limites da genericidade humana, pois se constituem como significados cristalizados na práxis sócio-histórica. De tal modo, determinado significado de âmbito científico necessariamente conduz e expressa uma racionalidade rica em mediações que revela um estado da realidade representada. Isso somente se constitui pelo processo de homogeneização que ‘estrutura’ e supera relacionalmente – por meio de mediações – a heterogeneidade do cotidiano. A base está justamente neste tipo de genericidade humana caracterizada pela sua maior fixidez e complexidade da objetividade dos processos sociais e naturais, conduzindo o indivíduo ao enriquecimento quando defrontado com determinadas caracterizações.

No espaço escolar os alunos entram em contato com bens produzidos e sistematizados socialmente, resultantes de um dado processo de homogeneização; a objetividade difusa nas condutas cotidianas é, pois, necessariamente, produto de um processo unificador e imbuído de significado social. “A escola não visa apenas a essa utilização pragmática de produtos da ciência. Ela visa a que o indivíduo possa fundamentar na ciência o pensamento e a ação em vários momentos da vida social” (DUARTE, 2007, p. 64). O processo de homogeneização, em suas várias esferas, é fruto do progresso e da

própria complexidade da realização do intercâmbio homem-natureza e homem-homem, devido ao procedimento progressivo de delinear as conexões da realidade, ou seja, de conhecê-la cada vez mais. A ciência, assim, se torna cada vez mais imprescindível para a prática social, para a sua reprodução.

A ação de homogeneizar, como enfatizamos anteriormente, exclui atuações ou intenções meramente subjetivas, ou que desloquem para a margem o plano da objetividade humano genérica. Nas palavras de Heller:

A homogeneização é o critério que indica a saída da cotidianidade, porém há que sublinhar, *não é um critério subjetivo*. Do mesmo modo que a vida individual sem as necessárias formas de atividade heterogêneas não seria uma vida cotidiana que se reproduz, assim as objetivações genéricas não são reprodutíveis por si mesmas, sem o processo de homogeneização. *É precisamente o processo de reprodução das esferas e objetivações homogêneas que exige categoricamente a homogeneização* (HELLER, 1977, p. 117; grifos do autor).

Mesmo entrando em atividade mediante sua subjetividade, no meio educacional formal, os indivíduos ingressam no contato com bens objetivados socialmente, isto é, com formulações intelectuais cristalizadas teoricamente. Para isso, Heller salienta que o processo de homogeneização, para ocorrer na sua integralidade, exige determinadas caracterizações. Assim, a homogeneização reclama uma concentração em determinada atividade, estabelecendo uma relação direta de finalidade com o conhecimento científico. “No que se refere à concentração, esta pode afetar todas as energias e capacidades do homem, ou somente a algumas delas, as requeridas pela objetivação, enquanto as outras são simplesmente suspensas” (HELLER, 1977, p. 117-118). Ademais, nesse mesmo processo, “pode dar-se a suspensão de todas as motivações particulares [...], ou finalmente a suspensão das singulares aspirações particulares que impedem o homem singular de ‘submergir-se’ na objetivação determinada [...]” (HELLER, 1997, p. 118).

Assim, se atinge a significação de uma objetividade científica, uma internalização de cristalizações metabolizadas pelo processo sócio-histórico. Entretanto, não é demais ressaltar que esta mesma processualidade é realizada de forma ativa por parte dos sujeitos operantes no processo, isto é, tais sujeitos saem modificados e

modificam aquelas objetivações, retornando para a cotidianidade de forma mais enriquecida. “Entre a vida cotidiana e as atividades e formas de pensamentos não cotidianos não existe, com efeito, uma muralha da china. As objetivações genéricas para-si provêm sempre da cotidianidade e voltam sempre a desembocar nela” (HELLER, 1997, p. 118).

Todos esses elementos são de basilar importância para a superação momentânea do ‘privatismo’, do predomínio dos interesses individuais, que permeia as movimentações cotidianas. No meio escolar essas caracterizações devem estar presentes para a apreensão, por parte dos aprendizes, dos conceitos científicos em suas elementares complexidades. Nas palavras de Duarte:

Para que nossa personalidade, nosso pensamento, nossas experiências interiores, desejos e capacidades possam ser generalizados é preciso que seja desenvolvida sua essência genérica, superando-se suas particularidades. Por exemplo, é preciso que o pensamento do indivíduo desenvolva determinadas características de uma determinada maneira, para que tal pensamento possa se situar no âmbito da ciência. No processo de homogeneização na relação do indivíduo com a ciência, precisa haver um desenvolvimento tal do pensamento desse indivíduo, que permita uma relativa generalização desse pensamento dentro dessa esfera de objetivação (DUARTE, 2007, p. 69).

O movimento de entificação do gênero é a própria sociedade, a própria história da humanidade até os nossos dias. A genericidade condiz com a reprodução da sociedade e indiretamente com a reprodução do indivíduo, pois este necessita subjetivar aquelas significações genéricas. “Com efeito, se a generalização não é comunicável a outro, não estamos diante de generalização alguma. [...] Deste modo se planta o problema do valor: a generalização torna-se ainda mais rapidamente patrimônio do gênero, se conta como um valor universal” (INFRANCA, 2005, p. 154). De tal modo, é necessário que o indivíduo aprenda a generalizar por meio e internamente com o processo de homogeneização, formulando, assim, as bases de futuras apreensões mais complexas, originando novas necessidades.

Os dados materiais e espirituais não estão dados de imediato aos indivíduos, sendo aqueles,

através da dialética objetivação-apropriação, fruto de constante gênese e modificação, porém não deixam de possuir uma ossatura na prática social. Não é demais ressaltar que a ciência atua como uma forma de desantropomorfização da realidade, revelando os nexos constitutivos desta por meio de uma atividade que afasta os caracteres particulares dos indivíduos, haja vista seu caráter generalizante e objetivo. Isso se constitui na medida em que a entificação do gênero formula em bases objetivas sua própria metabolização, isto é, a constituição das sociabilidades perpassa pela produção e reprodução em bases que as afastam progressivamente do imediatismo e do espontaneísmo que permeiam a natureza. Ora, estas mesmas objetivações consubstanciadas, que aqui destacamos como conceitos científicos, são conceituações acerca da realidade natural, bem como da realidade sócio-histórica, do auto-conhecimento da própria prática sócio-histórica.

Devemos destacar o papel positivo que o meio educacional formal exerce na formação da individualidade, pois possibilita aos indivíduos que façam suas aquelas esferas mais elevadas da atividade social. E, quando incorporado ativamente na vivência social dos indivíduos causa neles um processo de enriquecimento⁴. Em contato com conceituações sociais da realidade, os indivíduos elevam suas compreensões do mundo para além de suas meras individualidades, formulando um outro tipo de concepção de sua prática social. Isto

⁴ “Imagine um torneiro mecânico que, sabendo ler e escrever, reúna alguns companheiros de trabalho e desenvolva uma discussão coletiva para compreender a sua situação como trabalhador partir de sua vida prática, que se dá lá na fábrica. Se não dispuser de uma elaboração teórica que lhe abra os caminhos para além da experiência prática e imediata, ele só vai conseguir chegar à ideia de que há injustiças sociais neste mundo: ele trabalha muito, a empresa cresce, seus proprietários individuais e coletivos enriquecem e ele não. Veja como o mundo é injusto! Isso não é falso, mas não leva à compreensão dos mecanismos que põem e repõem as bases da injustiça percebida. Para chegar a esta compreensão, ele precisa estudar a crítica da economia política, que não está na vida cotidiana: é resultado de uma larga elaboração teórica que partiu da vida cotidiana, mas produziu e utilizou categorias, investigações, instrumentos heurísticos para entender por que a realidade parece – e é, de fato, segundo determinados padrões éticos – injusta. Se permanecer no nível imediato da sua prática, jamais ele vai encontrar uma jovem senhora – que hoje já é uma velha caquética – chamada mais-valia.” (NETTO, 2011, p. 336).

pode capacitá-los a potencializar um contexto de transformação social⁵.

A conceituação da realidade exige uma série de elementos que também impõe outro tipo de atuação na realidade que difere daquela da vida cotidiana. É o distanciamento próprio daquela esfera que torna possível a abstração lógica e a generalização objetiva da realidade. Um conceito, expressão teórica da realidade, tem de retratar o objeto nas suas vinculações e metabolizações necessárias condizendo com suas relações onilaterais, isto é, todas as suas manifestações essenciais e suas transformações sofridas subsequentemente.⁶ São as realizações supraempíricas e as operações lógico-verbais que corporificam e especificam os conceitos científicos, sendo estes complexamente embutidos e mediados por outros conceitos científicos. A construção do conceito envolve a percepção de atributos, a abstração e síntese do objeto e suas relações objetivas, dando-lhe um significado corporificado na palavra. Assim, exige que o pensamento se eleve em uma atividade intelectual de outro nível, suspendendo a relação imediata entre sujeito e objeto, e, por conseguinte, trilhando caminhos que se diferem da relação posta na cotidianidade. Isto porque a

⁵ É importante assinalarmos, mesmo que de passagem devido ao espaço e objetivos específicos do texto, a significação que tem para a formação da consciência quando os indivíduos internalizam objetivações conceituais da realidade. Isso expressa que os indivíduos terão sua prática social enriquecida, pois passarão a orientar suas condutas embasadas, agora, em elementos que criam possibilidades de uma atuação crítica em relação ao imediatismo das práticas cotidianas. Ora, o atuar criticamente em relação aos imperativos oriundos da totalidade sócio-histórica potencializa contextos de superação desta totalidade sócio-histórica, ou seja, uma consciência “rica” catalisaria situações de transformação social. Obviamente, e com o intuito de evitar posturas idealistas, a superação de estruturas sociais que entravam o desenvolvimento humano não se constitui somente por meio do enriquecimento da consciência, mas sim por meio da articulação dialética entre a consciência e a realidade concreta.

⁶ “O conhecimento teórico deve apresentar o objeto na sua necessidade, nas suas relações onilaterais, no seu movimento contraditório, em si e para si. Mas o conceito humano só apreende “completamente” esta verdade objetiva do conhecimento, só a abarca e a domina quando o conceito se torna “ser para si” no sentido da prática. Vale dizer: a prática do homem e da humanidade é a verificação, o critério da objetividade do conhecimento” (LENIN, 2011, p. 178).

cotidianidade é órfã de um sistema de generalização que capture em seu nível a complexidade do conceito surgido no afastamento, mesmo momentâneo, das suas caracterizações.

O axioma conceitual não se fundamenta, pois, como um ato mecânico; antes, exige um diferenciado e único ato de pensar que arquiteta um complexo de funções psíquicas superiores, como a concentração, a memória, a abstração, a síntese, a comparação, a análise. Como explicita Luria:

O pensamento conceitual envolve uma enorme expansão das formas resultantes da atividade cognitiva. Uma pessoa capaz de pensamento abstrato reflete o mundo externo mais profunda e completamente e chega a conclusões e inferências a respeito do fenômeno percebido, tomando por base não só a sua experiência pessoal, mas também os esquemas de pensamento lógico que objetivamente se formam em um estágio avançado do desenvolvimento da atividade cognitiva (LURIA, 1990, p. 135).

Todo esse complexo funcionamento intelectual para atingir e sintetizar significativamente a realidade como sócio-histórica, nos leva à indagação sobre os limites que um pensamento não dialético produz no conhecimento do movimento do ser social. Isto ficará mais evidente quando refletirmos sobre a cotidianidade permeada pelo capitalismo, sistema que fomenta uma análise positivista e neopositivista da cotidianidade e “[...] consagra a sua imediatividade como instância de verificabilidade e controle das formulações abstratas [...], identificando na objetividade dada imediatamente [...] a concreção da realidade” (NETTO, 1987, p. 72).

A crítica da vida cotidiana

A superação das estruturas da cotidianidade, como vimos anteriormente, é uma característica ineliminável do ser social, pois ele se constitui pela mediação da atividade humana que não se restringe a camadas pragmáticas, utilitaristas e espontaneístas da realidade. Vimos, também, que a ciência cristalizada em conhecimentos teóricos acerca da realidade, como seu reflexo cognitivo, consubstancia-se pela elevação momentânea da prática cotidiana, ou seja, se materializa pelas especificidades que a descaracterizam da imediatividade. Desse modo, a educação formal

ou escolar atua como um desses momentos de desprendimento do meio cotidiano, tanto por meio da apropriação do conhecimento científico como do enriquecimento dos conhecimentos já constituídos, haja vista que estes dois processos estão dialeticamente articulados. Entretanto, para que o conhecimento científico, bem como a educação escolar, não capitule, como acontece na atualidade, aos imperativos da cotidianidade, é necessário reportar-se a uma análise da estrutura social comandada pela mercadoria. Essa análise permite evidenciar uma conseqüente crítica categorial de determinada sociabilidade, com base em um método que delineie os reais movimentos do ser e, por conseguinte, descortine os entraves impelidos, em todo e qualquer sentido, ao gênero humano.

O capitalismo possui como centralidade a produção de mercadorias, sendo estas o núcleo das relações sociais. Mesmo em recônditos isolados do globo terrestre, atualmente já é difícil limitar as influências do capitalismo sobre outras culturas devido ao seu hibridismo inerente a sua necessária expansão avassaladora. De tal modo, a lógica da mercadoria ocupa todos os espaços sociais, “estruturando” e qualificando as relações que compõem sua processualidade. Como suas relações metabólicas são consubstanciadas pelas trocas, produzidas pelo conjunto do ser social, tal processo apresenta-se como algo autônomo, isto é, uma relação entre indivíduos reais e historicamente relacionados passa a ser representada por coisas autônomas.

A vida cotidiana no modo de produção capitalista se apresenta reificada. Os aspectos estruturais da vida cotidiana, na dimensão da caoticidade e do poder anônimo das mercadorias, se apresentam como o único palco de compreensão das relações históricas. O caráter instantâneo e espontaneísta do cotidiano se potencializa com a lógica das mercadorias.

O conjunto das relações sociais, e seu movimento e reprodução na história, não se apresenta ao homem como verdadeiramente o é: unidade em processo – uma totalidade. A reificação das relações sociais agrava essa dificuldade ontologicamente posta ao conhecimento da vida social na sua cotidianidade [...] (EVANGELISTA, 2002, p. 59-60).

Como afirma Netto (1987), o processo de produção de mercadorias se universalizou em todos os interstícios da vida social no capitalismo tardio, ocasionando uma espécie de

facticidade entre as instâncias e esferas do processo sócio-metabólico do capital. A configuração do cotidiano é apresentada aos indivíduos como um conglomerado de fatos sociais, típicos de apreensões imediatistas e utilitaristas que peculiarizam a migração da lógica da mercadoria para outras esferas sociais. O poder pessoal do capitalista se aglutina a uma impessoal mediação que a todos oprime, pois “a esmagadora maioria dos homens, proletários e não-proletários, tem a impressão de que a sua existência é direcionada por uma instância alheia, incógnita, *impessoal* – uma instância *fatal*, que se manifesta pelo conta-gotas do institucionalizado [...]” (NETTO, 1987, p. 89; grifos do autor). Assim, universaliza-se o poder impessoal da mercadoria que a tudo fragmenta e sugere autonomia frente a qualquer tipo de compreensão abrangente do fenômeno em questão, dando ênfase a análises microscópicas da sociedade e a estruturas de poder residuais⁷.

A manipulação generalizada imposta pela circulação de mercadorias, quando se tem a dominância do valor de troca sobre o de uso, difundida pela totalidade dos agentes sociais, direciona a comportamentos egoístas operacionalizados pela lógica do privatismo, resultando em uma perda geral da ideia de comunidade, bem como do sentido das atividades dos indivíduos.

A transformação de todos os valores em simples momentos transitórios de uma corrida geral e absoluta para outros valores que têm como consequência o esvaziamento da vida; a degeneração da ideia de felicidade em *confort* e da razão em manipulação racional das coisas e dos homens; esta atmosfera cotidiana da vida moderna que inverte o meio com o fim e o fim com o meio, se arrima na estrutura econômica expressa pela fórmula muito simples: dinheiro – mercadoria – mais dinheiro (KOSIK, 1982, p. 109; grifo do autor).

⁷ “Esta incapacidade (resultante do processo descrito) para perceber a conexão legal entre a atividade subjetiva e o movimento objetivo do todo acentua o sentimento de ‘liberdade’, mas, ao mesmo tempo, também o sentimento de estar submetido a poderes indomáveis. Esta contradição – que, na realidade, não é mais do que uma contradição dialética que se apresenta no interior da unidade de subjetividade e objetividade – se reflete na consciência reificada do indivíduo burguês como antinomia insuprimível” (KOFFLER, 2010, p. 169).

Sob o atual modo de produção, ocorre uma dupla fratura em relação ao ser social. A primeira retrata o mero individualismo que as relações sociais capitalistas imprimem aos homens, privatizando-os em seus interesses particulares, sendo o ser subsumido ao sentido do ter, do possuir. De tal modo, é comum imaginarmos que as relações entre os indivíduos no capitalismo se concretizam pela comparação e usufruto utilitário de bens materiais que qualificam algum tipo de *status* (fetiche da mercadoria)⁸. A segunda fratura que entendemos ser desdobrada da primeira, é a tendência ideológica de considerar a forma unilateral de apreensão da realidade, típica da estrutura do cotidiano, como sendo a única possível. Assim, a realidade é apresentada como fugaz e livre de qualquer tipo de abstração mais abrangente e racional que apreenda a realidade em seu constante movimento⁹. Aqui se evidencia o anunciado anteriormente, a retratação da realidade através de lentes positivistas e neopositivistas.

Nunca será demasiado reiterar que a filiação positivista da reflexão da realidade independe da remissão a uma ‘escola’ – seja comteana, seja derivação neokantiana, seja a filosofia analítica, seja o

⁸ “Os objetos com que se defronta o indivíduo isolado lhe aparecem apenas com seus aspectos utilitários (por exemplo, valor comercial não beleza mineralógica) e essa utilidade não é de uso humano – social – mas de uso limitadamente individual. Assim, necessidade e gozo, numa inversão direta do processo original de humanização automeciadora, adquirem uma nova ‘natureza egoísta’ no mundo da fragmentação capitalista. E, como os sentidos só podem ser chamados ‘teoréticos’ em virtude de sua ‘distância’ ante o imediatismo da necessidade animal-natural – isto é, em virtude do fato de a necessidade primitiva ter-se tornado uma necessidade ‘automeciada’; uma necessidade humanamente mediada, humanamente transformada – visto que hoje a mediação *humana* da necessidade está sendo suprimida no processo de privatização e fragmentação egoísta, os sentidos perdem seu caráter ‘teorético’” (MÉSZÁROS, 2006, p. 184; grifo do autor).

⁹ “[...] é somente porque a estrutura do nosso entendimento tende primariamente a fragmentar a realidade que se torna possível, nas condições de extremo individualismo do ser burguês, que esta tendência da consciência, cuja raiz é exclusivamente psicológica, se imponha ao pensamento ideológico como a única válida e engendre a aparência de que o entendimento é unilateral por sua própria natureza” (KOFFLER, 2010, p. 100).

estruturalismo etc. –, mas consiste, sobretudo, na concepção da facticidade imediata como fronteira logocizável do pensamento (NETTO, 1987, p. 72).

Para a explicitação própria da realidade e, sobretudo das mistificações impostas pela sociabilidade gerenciada pelo capital, necessariamente, devemos partir de uma postura teórico-metodológica que se munície contra tais tendências mistificadoras. Assim, uma postura teórico-metodológica que desvende a irracionalidade que é transpassada gratuitamente no cotidiano dos indivíduos possui necessariamente uma vinculação com um ponto de vista da classe explorada, a classe dos trabalhadores. Com isso, tem-se a possibilidade de transparecer os nódulos geradores e gerados concretamente pelo imperativo do capital, problemas que suplantam todo e qualquer tipo de privação ao conjunto dos bens, espirituais e materiais, produzidos socialmente.

Será destacada apenas uma das categorias centrais para a superação da unilateralidade na apreensão da realidade pelas tendências antes mencionadas. A categoria da totalidade se faz necessária quando o objetivo é explicitar e deslindar a estrutura do cotidiano, com o objetivo de superá-lo, para revelar a realidade ontológica e histórica, produto de um todo articulado e dinâmico passível de ser capturado intelectivamente.¹⁰ É justamente ultrapassando o mero fenômeno, dissolvendo-o em suas múltiplas relações, reconstruindo de forma concreta toda movimentação fática do mundo cotidiano que a totalidade concreta, estruturada em seu dinamismo dialético, é a realidade ontológica a ser capturada conceitualmente. “O caminho entre a ‘caótica representação do todo’ e a ‘rica totalidade da multiplicidade das determinações e das relações’ coincide com a compreensão da realidade” (KOSIK, 1976, p. 36). Porém, como salienta o autor, esse processo não se atém apenas na fixação conceitual. “O processo de pensamento não se limita a transformar o todo caótico das representações no todo transparente dos conceitos; no curso do processo o próprio todo é concomitante delineado, determinado e compreendido” (KOSIK, 1976, p. 37).

A realidade é a explicitação do ser social em suas distintas fases, o movimento da parte ao todo e o seu retorno à parte. Movendo-se, no abstrato, o pensamento nega a imediaticidade e estabelece a realidade “[...] *em todos os seus planos e dimensões*” (KOSIK, 1976, p. 37, grifos nossos). Assim, se tem o retorno ao concreto, agora, repleto de determinações e relações racionalizadas, as quais qualificam que um fato qualquer poderá ser racionalmente compreendido quando imbuído em suas relações causais. Portanto, uma crítica da sociabilidade capitalista e do seu cotidiano reificado ocorre quando se observa esta a realidade em sua unidade dialética e contraditória. O pensamento dialético, que não é mais do que a apreensão cognitiva do movimento do real, pontua a totalidade em suas complexas mediações, lançando luz à estrutura típica do cotidiano e aos entraves que a sociabilidade burguesa proporciona, obstaculizando o delineamento racional da realidade.

Considerações finais

O processo de homogeneização constitui-se como elemento peculiar da prática humana, pois é por meio desse processo que as sociedades historicamente constituídas trilharam um conseqüente aprofundamento da realidade, tanto natural como social. Podemos observar, assim, a superioridade do conhecimento científico, com todas as suas caracterizações apresentadas anteriormente, em relação às práticas cotidianas representadas pelo conhecimento de caráter meramente efêmero. Assim sendo, a educação formal possibilita a internalização, bem como o aprofundamento dos bens adquiridos via homogeneização.

Ademais, pensar um conhecimento formal, que não fique preso a vertentes idealistas, é também realizar uma ponderação de seus limites atuais, ou seja, é efetuar concretamente, via homogeneização, uma crítica da sociabilidade capitalista e de seus complexos de contradições que impõem obstáculos a uma congruente articulação indivíduo-gênero, isto é, limitam os indivíduos a se reproduzirem como seres isolados. Além de indagarmos sobre o papel fundamental do conhecimento científico e de suas possibilidades de socialização em meio à sociabilidade atual, é oportuno destacarmos os limites de algumas concepções pedagógicas que objetivam realizar uma crítica a-histórica da educação formal, isto é, criticam-ne sem levar em conta as bases da sociabilidade

¹⁰ Método esse que possibilita esclarecer as reais possibilidades de uma estrutura de ensino que não fique circunscrita a reproduzir as estruturas do cotidiano.

contemporânea. Propõem-se “novos” tipos pedagógicos frequentemente embebidos em puros irracionalismos e em um intenso subjetivismo, valorizando, desse modo, condutas que tendem a se centralizar na aprendizagem espontânea, ou, quando muito, internalizar habilidades de cunho inteiramente utilitário. Assim, apesar de diagnosticar os limites da educação formal, retorna-se às fronteiras impostas pelo cotidiano.

A verdadeira articulação indivíduo-gênero somente encontra substância quando ocorre com a superação momentânea da vivência estritamente particular dos indivíduos, submetidos aos imperativos do cotidiano. A ciência, de certo modo, representa um dos momentos de determinada superação a qual, quando realizada, possibilita um enriquecimento da prática sócio-histórica dos indivíduos, pois estes aumentarão as possibilidades de compreensão e atuação no mundo. A libertação dos indivíduos em relação aos entraves do meio cotidiano somente se ocorrerá pela própria prática sócio-histórica dos indivíduos e não de uma emanção pseudo-histórica, envolvendo ora opções individualistas, ora opções com emanção meramente abstrata. Prática sócio-histórica que superará as barreiras impostas pela e para a humanidade, constituindo uma sociabilidade com caracteres verdadeiramente comunitários.

Referências

- DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- EVANGELISTA, J. E. **Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1977.
- INFRANCA, A. **Trabajo, individuo, historia: el concepto de trabajo em Lukács**. Buenos Aires: Herramienta, 2005.
- KOFLER, L. **História e dialética: estudos sobre a metodologia da dialética marxista**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- KOSIK, K. **A dialética da moral e a moral da dialética**. In: _____. *Moral e Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 97-118.
- _____. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LENIN, V. I. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- LUKÁCS, G. **Estética**. Barcelona: Grijalbo, 1966, vol. I.
- LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Ícone, 1990.
- MACÁRIO, M. **Trabalho, reprodução social e educação**. 2005. 151f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- NETTO, J. P. Entrevista. **Revista Trabalho, Educação, Saúde**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 333-340, jul./out. 2011.
- _____. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, J. P.; CARVALHO, M. do C. B. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1987, p. 64-93.

Recebido em: 21/08/2014

Aceito em: 21/01/2015